

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

**CONFERÊNCIAS IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

C748

Conferências IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas [Recurso eletrônico on-line]
organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Nilo Ribeiro Junior, Marcelo Fabri e Caio Augusto Souza Lara – Belo Horizonte, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-00-00040-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Sociedade. 3. Significação. 4. Política. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

CONFERÊNCIAS IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

Apresentação

Vivemos em tempos de mutações. As transformações por que passamos no campo do conhecimento, das relações humanas, da cultura, do direito e da própria ética mostram uma transitividade que não conta mais com a busca de estabilidade e identidade que nortearam o modo de pensar do Ocidente. O tempo, que até então tinha uma direção e apontava para uma finalidade, que permitia ao ser humano confiar no progresso e na melhoria da humanidade, compreende-se hoje como experiência de pura finitude. “Entramos bruscamente num tempo que não vai a lugar nenhum. Talvez seja um bem, talvez não, pois que nada mais tem sentido” 1 .

Eis por que nossa época se compreende como um oceano de possibilidades em que vários tipos de tentação emergem. Por exemplo: é nítida a aspiração que hoje temos de transformar a realidade humana, corporal e vulnerável, recorrendo a um aparato biotecnológico cada vez mais sofisticado, capaz de mudar radicalmente nossa pobre e frágil condição. O problema, a nosso ver, não está nos recursos, nas possibilidades, nos meios disponíveis ou passíveis de construção, mas na aceitação acrítica das mutações e do que elas pretendem oferecer aos não excluídos do mundo do consumo. Por medo ou insegurança, podemos ser tentados a conferir estabilidade àquilo que, por essência, está destituído de toda fixidez.

Pode-se, assim, afirmar que os tempos de mutações se caracterizam por um paradoxo. Trata-se de uma época que anuncia e enuncia, a uma só vez, pelo menos duas possibilidades contrastantes: a) o desejo de hibridação com a alteridade (transumanismo), isto é, a relação com o outro (com a própria natureza) sob a forma de autocriação infundável e imprevisível, dando continuidade ao primado do mesmo em detrimento da alteridade; b) a tomada de consciência de que sempre podemos falar, agir, testemunhar, responder pelo dano que causamos ao mundo, ao outro ser humano e à própria natureza. O eu respondente é imune a toda hibridização! Enquanto tal, é capaz de assumir a responsabilidade pelo sofrimento de tantas vítimas de nossa história. Ser eu é poder despertar para o fato de que estamos sempre às voltas com uma espécie de juventude e desregramento, com um Dizer capaz de se desdizer. “Juventude que é ruptura do contexto, palavra que decide, palavra nietzschiana, palavra profética, sem estatuto no ser, mas sem arbitrariedade, pois brotada da sinceridade,

quer dizer, da própria responsabilidade pelo outro” 2 . Ora, com tal desregramento não se anuncia uma inconsequente defesa do caos, o enaltecimento do não-sentido, mas sim uma luta interminável contra a possível desconstrução do humano.

Juventude de uma palavra balbuciada, enfronhada num autoerotismo, mas, em todo caso, abertura de um espaço de encontros e busca de alteridade.

Busca que IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas procurou incentivar, coordenar e possibilitar. O tema fala por si só: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”. As conferências desse volume que ora apresentamos retratam, com maestria e vigor filosófico ímpar, os desafios que o título do evento anuncia. São trabalhos que abordam temas desafiadores de uma época sem bússola: o tempo messiânico que nos individua como subjetividades respondentes, a ideia filosófica de cultura, o tema da idolatria da razão, as relações da ética com o direito, a política, a sociedade em geral. Esperamos que a leitura dessas belas e notáveis conferências possa despertar o leitor para a fecundidade de um diálogo com um modo de pensar que se tornou, hoje em dia, um novo paradigma filosófico.

1 SAINT CHERON, M.- *Entretiens avec Emmanuel Levinas (1983-1994)*, Paris: Le Livre de Poche, 2010, p. 32.

2 LEVINAS, E.- *Humanismo do outro homem*, Petrópolis: Vozes, p. 128.

Marcelo Fabri

LEVINAS NA FILOSOFIA BRASILEIRA: LEGADOS E PERSPECTIVAS
LEVINAS AT BRAZILIAN PHILOSOPHY: LEGACIES AND PERSPECTIVES

Gregory Rial

Resumo

O presente artigo analisa como a chegada do estrangeiro Emmanuel Levinas impactou a filosofia brasileira. Sem a pretensão de uma reconstituição histórica, fazemos uma crítica a certas apropriações, destacamos alguns futuros desafios e propomos uma metodologia crítico-responsiva para lidar com a obra levinasiana a fim de que as pesquisas não se deixem levar por um entusiasmo superficial pelos conceitos do autor.

Palavras-chave: Filosofia, Levinas, Crítica

Abstract/Resumen/Résumé

This article analyzes how the arrival of foreigner Emmanuel Levinas impacted Brazilian philosophy. Without pretending to be a historical reconstruction, we criticize certain appropriations, highlight some future challenges, and propose a critical-responsive methodology for dealing with the Levinasian work so that research does not get carried away by a superficial enthusiasm for the author's concepts. .

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Philosophy, Levinas, Critics

A tarefa de discutir em um texto os aportes e ecos filosóficos dos estudos levinasianos é um verdadeiro desafio. Isso porque falamos de um autor cujo pensamento tem sido cada vez mais apropriado pela academia filosófica – e não só ela! – nas *terras brasilis*. Nosso objetivo então não será o de traçar uma linha histórica, mas de perseguir alguns rastros das pesquisas levinasianas e, a partir deste rastreio, analisar como este filósofo, ainda muito desconhecido, tem *alterado* nossa forma de filosofar. Levinas é um *outro*, e seguindo sua própria noção de alteridade, podemos começar pensando que a chegada deste *outro* é desejo e sofrimento, ferida e fruição (LEVINAS, 2011, p. 36), é uma entrada de ruptura no esquematismo do sujeito.

No caso em questão, a chegada de Levinas no Brasil é desconcertante e, ao mesmo tempo, deliciosa. Isto porque todos os estudiosos do pensamento levinasiano vivem uma relação ambígua com a obra do autor de deleite e lágrimas. Deleite, pois existe um vasto mundo a descobrir: a epistemologia levinasiana fora do Ser e do logos certamente amplia nosso campo de reflexão e nos permite explorar novas perspectivas argumentativas. Mas é também uma relação de lágrimas porque há questões de ordem técnica, idiomática, editorial que dificultam nossa apreensão.

Assim, nesta reflexão metafilosófica procuraremos esboçar alguns dos percursos já trilhados e outros que estão por vir. Nossa intenção é perscrutar os modos como o estrangeiro Levinas foi acolhido na filosofia brasileira e como sua obra impõe um desafio de pensar outramente, de subverter as lógicas da totalidade que são, por vezes, inerente ao próprio fazer filosófico.

A chegada do estrangeiro

A filosofia brasileira talvez reproduza em seu microcosmo o que vivenciamos no macro da história de uma nação. Da mesma forma que somos um país miscigenado, que a partir do cruzamento das culturas europeia, africana e indígena produzimos algo original nosso, a filosofia tupiniquim seja, em certa medida, uma miscigenação de correntes e pensadores, com uma ressalva para a forte influência europeia sobre a nossa produção filosófica. Na análise do filósofo brasileiro Paulo Margutti Pinto (2014, p. 397), a tradição brasileira preza por um filosofar exegetico. Estaria nesta exegese as originalidades de nossa produção acadêmica? Ele continua provocando que a academia brasileira devesse, talvez, investir na produção de uma epistemologia própria para prosseguir um fazer original.

Nesta miscelânea de pensamentos e de releituras, de estudos, teses e exegeses procuramos observar como a chegada do pensamento de Levinas reverberou um filosofar que de alguma forma responde às demandas da cultura brasileira. Do ponto de vista histórico, os primeiros escritos levinasianos começam a chegar na década de 80, quando alguns estudantes de pós-graduação retornam da Europa – mais precisamente da França, Itália e Alemanha – com suas teses doutorais sobre Levinas. Destacam-se neste momento Luis Carlos Susin e Ulpiano Vasquez Moro na teologia, Ricardo Timm de Souza e Pergentino Pivatto na Filosofia.

As primeiras tentativas brasileiras de enfrentar o pensamento de Levinas foram no sentido de fazer uma exegese e uma hermenêutica. Alguns dos conceitos do franco-lituano eram completamente novos para o ambiente filosófico, mesmo entre os europeus. Ricardo Timm de Souza (2019, p. 234) comenta que na própria Europa havia “por um lado, uma aceitação bastante considerável em ambientes como as letras, a teologia e a pedagogia; por outro, uma enorme dificuldade de compreensão por parte da filosofia”. Da mesma forma no Brasil os ambientes teológicos foram mais rápidos em absorver a filosofia de Levinas, possivelmente por ela usar uma linguagem que a aproxima da linguagem religiosa – traços de seu pensamento judaico.

A apropriação filosófica de Levinas deu-se sobretudo pelo impacto da Filosofia da Libertação. A noção levinasiana de Rosto foi uma das que mais se popularizou graças a assimilação de Dussel que identificou o *visage* com o rosto do pobre latino-americano. Susin relata que, ao chegar de Roma, toma conhecimento de que as traduções de Dussel do francês ao espanhol, as primeiras que os brasileiros tiveram contato, convertiam *visage* em Rosto. Susin revela que a sua tese pode ser escrita em português o que o levou a ensaiar algumas primeiras traduções de Levinas diretamente do francês e comenta a dificuldade de se traduzir o termo levinasiano:

Por exemplo, como traduzir não só literalmente mas com seu sentido original, a palavra tão importante *visage*? Não “rosto” e nem “face”, mas o substantivo “olhar” me pareceu o mais justo. Inspirei-me em Renato Teixeira, “Romaria”: como não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar! Mas como aqui chegaram antes as traduções de Enrique Dussel e ele insistia em “rosto”, a minha sugestão, que está em uma nota de rodapé de minha tese, não progrediu. Mas permaneço com minha convicção: *visage* é o “olhar que me olha”, que está face a face mas não se confunde com as linhas do rosto, provém da transcendência do outro. (SUSIN, 2019, p. 229).

O entusiasmo com a noção de Rosto e a necessidade contextual de se engrossar as fileiras de um pensamento engajado teve reflexos nas compreensões, por vezes superficiais, deste conceito central. A plasticidade que o Rosto encontrava em Dussel não era prevista por Levinas, para quem “uma nuca é um rosto”. Ao mesmo tempo, outras noções importantes

para auxiliar na compreensão profunda do que de fato era o Rosto na obra levinasiana foram menos trabalhadas nestes primórdios, como por exemplo a noção de justiça e de bem além do Ser. Note-se que a leitura de *Totalité et Infini* dominou o cenário das produções sobre Levinas. O texto, por ter maior acesso, foi trabalhado em ensaios e artigos que tentaram esmiuçar uma compreensão geral para servir de base a estudos futuros. Apenas posteriormente obra *Autrement qu'être...* foi tomada em consideração de modo mais sistemático e atualmente percebe-se que apenas uma leitura pancrônica dos escritos levinasianos é capaz de sorver a densidade de sua filosofia.

Nesse certame, a noção de Outro acaba tendo um peso real nos estudos iniciais por se tratar de uma categoria ausente das discussões morais ainda muito centradas na tradição kantiana. No entanto, como afirma Sebbah, existe uma certa caricatura do que de fato significa a palavra Outro em Levinas. Ele diz que “é necessário reafirmar com força que outrem não é, segundo esse pensamento, hipostasiado como uma entidade que acabaria sendo abstrata à força de ter sido tanto magnificada; uma entidade que, além disso, seria a própria bondade. Outrem é sempre este ou aquele outro em sua singularidade” (SEBBAH, 2018, p. 199).

Outro conceito menos levinasiano – o de alteridade – também teve impacto no Brasil. Em muitos textos e manuais de filosofia, Levinas é abordado como filósofo da alteridade. Esta palavra, entretanto, não é das mais preferidas de Levinas. Talvez por evocar um aspecto genérico – e Levinas se esforça por descolar do pensamento do neutro. Talvez porque alteridade se refira a tudo que é outro com relação a mim colocando humanos e coisas no mesmo patamar compreensivo. Fato é que a ideia de uma *filosofia da alteridade* soou bem na academia brasileira. Mas a compreensão do que de fato significava a alteridade no pensamento levinasiano foi amadurecendo paulatinamente e as leituras romanceadas e cristianizadas de Levinas foram cedendo à dureza da sua escrita hiperbólica, sendo substituídas por análises mais cômicas do peso da ética.

Aliás, Ética foi outro conceito que teve repercussões no Brasil. Ética *da alteridade*, inclusive, foi a forma que mais se falou de Levinas no começo dos anos 90 conforme análise da bibliografia brasileira de Levinas. Assim como as noções de Rosto, alteridade e outro foram amadurecendo, a palavra Ética também passou por um refinamento no léxico levinasiano. Muito presente nas produções da área da educação, o conceito de “ética da alteridade” levinasiana colocou em discussão as possibilidades e os papéis dos atores educativos no processo de reconhecimento das alteridades. Esta passagem pela pedagogia e ciências afins

propôs uma transição da pedagogia do mesmo para uma pedagogia da alteridade segundo a qual o ensinar deve ser, acima de tudo, um ensinar a encontrar o Rosto, superando a mentalidade tecnicista que, em geral, permeia os planos de ensino. Curiosamente, esta incursão na pedagogia é algo já original da leitura brasileira de Levinas, uma vez que na obra levinasiana encontra-se pouquíssimas referências a esse tema. Em *Difícile Liberté* a parte VI, especialmente os quatro últimos capítulos, se destacam como sendo diretamente textos pedagógicos, mas ainda assim muito restritos ao contexto do ensino confessional judaico. Fato é, que a chegada de Levinas para a educação não é um acontecimento pequeno. As duas primeiras edições brasileiras do Seminário Internacional Emmanuel Levinas em 2006 e 2008 tiveram como tema “Levinas e a Educação” e contemplaram as interpelações éticas para a educação no Brasil. Pivatto apresenta as problematizações que Levinas permite fazer à área da educação:

É possível pensar a educação, o homem e o ser de outra forma? A meu ver, o esforço teórico de Levinas abrange e aprofunda tais questões essenciais. A questão primordial não seria a disjunção entre ser e/ou nada; mas estaria na questão: por que há mal e não antes bem? Mas que bem? Perseverar no ser seria bem? O impulso vital de todo ser que leva à luta pela sua manutenção e expansão, procurando, por todos os meios, privilegiar seu ser e evitar o seu fim, não seria bem? E será possível silenciar a pergunta: tal visão de educação não estaria na origem da agressão, da violência, dos privilégios, da guerra e da morte do outro? Não há ali uma visão de ser e de educação ligada ao mal? Por outro lado, surge outra questão: a educação estaria na contramão da senda do ser, pelo esforço em diminuir seus ímpetos de agressão e de violência? (PIVATTO, 2019, p. 262).

Deve-se ainda considerar que o conceito de “ética como filosofia primeira” teve boa repercussão nas teses e artigos científicos da década de 90 e de 10 do século XX. Este também foi um conceito lapidado pela maturação das reflexões filosóficas passando de uma compreensão simplista da Ética como fundamento metafísico para uma Ética como condição primeva da significação. Um importante texto que demarcou esta guinada para a nova semântica da ética foi o livro “Sabedoria de amar” (2005), de Nilo Ribeiro Junior. Nesta obra, problematiza-se a concepção levinasiana de Ética e tenta-se recolocar a discussão da “filosofia primeira” no patamar do sentido. Já na introdução, ele adianta:

Como o leitor poderá constatar ao longo deste estudo, insistiremos que no pensamento “ético” levinasiano há um distanciamento do significado que a palavra “ética” tem assimilado no contexto da filosofia ocidental como “ciência do *ethos*” ou como “conjunto de normas do agir”. O autor não está preocupado com a distinção entre “ética” e “moral”. Sua intenção se nucleia em torno da tentativa de encontrar o significado da ética para além da ética ocidental e da ontologia que a fundamenta. (RIBEIRO JUNIOR, 2005, p. 14).

Ele insiste que a ética levinasiana não pretende ser pragmática, mas “foge dos padrões estabelecidos pelas filosofias éticas clássica e contemporânea” (ibidem), reafirmando a

postura de Levinas de não encarar questões candentes do momento, mas de procurar algo da ética que subjaz o drama humano no decorrer da história. Nilo Ribeiro Junior recupera nessa obra a periodização didática feita por Ulpiano Vasquez Moro no artigo *A teologia interrompida*. Embora esta periodização seja útil para fins didáticos, ela vem sendo substituída por uma leitura pancrônica, ou seja, não compartimentada do pensamento levinasiano. Este método, a nosso ver, possibilita uma melhor percepção do crescente ético e, ao mesmo tempo, nos lança no vértice da espiral levinasiana – espiral que não tende a um fim, mas que evoca a infinição do Infinito.

Outros interesses dos filósofos brasileiros ultimamente são as noções de corpo e sensibilidade em Levinas, com especial destaque para as produções do GT Levinas da ANPOF, dos estudantes da Universidade Federal de Santa Maria e do Grupo de Pesquisa Estudos Levinasianos e Alteridades de Belo Horizonte que tem aprofundado esta questão de forma fenomenológica, procurando encontrar em Levinas a formulação de uma subjetividade sempre mais encarnada e menos idealizada. Da mesma forma, a filosofia do direito tem se enriquecido com o modo levinasiano de se pensar a justiça e o direito a partir da entrada do terceiro na intriga da relação ética. O tema da justiça, inclusive, foi trabalhado durante o III Seminário Internacional Emmanuel Levinas, em 2017, que despertou o interesse de juristas e pesquisadores da área do Direito para o autor franco-lituano. O evento que colocou o binômio “amor e justiça” para o debate, recobrou o lugar da justiça na obra levinasiana:

Se a justiça é fundamentalmente estrangeira à toda relação dual e, em particular à relação amorosa, ou amante, ela não se deixa expulsar, longe disso. “É preciso a justiça”, como martela Levinas: sua “necessidade” não é da ordem prescritiva e ela não designa mais uma necessidade lógica ou ontológica. Ela é necessária, a justiça, porque ela está sempre aí como uma solicitação irreprimível. (BENSUSSAN, 2018, p. 16-17).

Por fim, destacamos a recente busca pela filosofia política de Levinas que corresponde a um anseio mais profundo dos brasileiros de significar a experiência necropolítica dos últimos tempos. Os acirramentos ideológicos e as disputas narrativas tem feito pensar sobre o *locus* do debate político para o qual Levinas contribui ao pensar uma política investida pela ética e pela responsabilidade e ao inaugurar um *humanismo do outro homem*. A pergunta, então, passa a ser pelo sentido da política e não apenas pela melhor forma de se operar a política. A respeito dessas possibilidades de interlocução com a filosofia política, Carrara enumera pelo menos seis:

1) A necessidade de pensar a socialidade do sujeito não a partir da guerra e da violência, mas a partir da fraternidade, rompendo com o que Levinas vê na tradição

da ontologia ocidental ou ao menos concebendo ontologia e ética numa tensão constante. 2) A necessidade de pensar a singularidade ética em tensão com a totalidade social, segundo o modelo de subjetividade como o Outro no Mesmo. 3) A necessidade de pensar um modelo de socialidade a partir da responsabilidade pelo outro em tensão com um modelo de socialidade a partir da liberdade que se apresenta como a essência da totalidade. 4) A necessidade de pensar de um outro modo a relação entre a ética e a política. 5) A necessidade de pensar o Estado em outros termos diferentes daqueles do modelo hobbesiano. 6) Se a política se situa entre o il y a e a Eleidade, ela aponta para uma dimensão utópica - uma utopia do humano. (CARRARA, 2010, p. 170-171).

Uma última observação talvez fosse necessária antes de prosseguirmos nossa análise, a fim de completar esse quadro da chegada do estrangeiro Levinas: é preciso falar sobre as traduções. De acordo com a bibliografia oficial de Levinas no Brasil elaborada pelo CEBEL – Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos existem seis obras traduzidas ao português brasileiro: *Humanismo do outro homem* (1993), *Da existência ao existente* (1998), *Do Sagrado ao Santo* (2001), *De Deus que vem a ideia* (2002), *Novas interpretações talmúdicas* (2002), *Quatro leituras talmúdicas* (2003) e *Entre nós* (2005). Destas, as que tiveram maior circulação foram o *Humanismo*, *De Deus que vem a ideia* e *Entre nós* – as três traduzidas por Pergentino Stefano Pivatto e seu grupo de pesquisa na PUC RS e publicadas pela Editora Vozes que tem maior distribuição no país. Pivatto destaca que no trabalho de tradução de Levinas “manter as nuances que o autor imprime ao seu pensamento em busca da saída para o novo, preservar a unidade de estilo, dos conceitos básicos e das formulações originais foi uma constante sempre presente, embora nem sempre conseguisse a expressão ideal” (PIVATTO, 2005, p. 9).

O trabalho de Pivatto e seu grupo de pesquisa possibilitou maior publicidade a Levinas que passou a ser estudado em outros círculos filosóficos do Brasil e ultrapassou os liames da Filosofia. Atualmente a abordagem do pensamento levinasiano acontece de forma interdisciplinar e o interesse por seus escritos aumenta a cada dia. As obras *Totalité et Infini* e *Autrement qu’être ou au delà de l’essence* tem traduções editadas em Portugal e, especialmente esta última, acabam tendo uma circulação menor. Por essa razão, nota-se a ausência da virada ética levinasiana em muitas das pesquisas da década de 90, fato que tem sido minorado pela entrada do texto no Brasil e pelos minicursos e evento que procuram resgatar o pensamento do *outro modo que ser*.

A obsessão da linguagem

Ao visualizar o impacto da chegada deste estrangeiro sob a ótica da produção acadêmica e dos temas que mais mobilizaram as pesquisas brasileiras, passaremos a discutir três questões que

devem ser colocadas diante do atual trabalho com os textos de Levinas. Estas questões pretendem pro-vocar, ou seja, chamar a atenção dos leitores e estudiosos para algumas situações que permeiam o trabalho acadêmico.

1) A primeira destas questões diz respeito a um entusiasmo não crítico e não rigoroso diante da filosofia levinasiana. É verdade que as questões sociais pungentes quase que nos obrigam a procurar pensadores e ideias que salvaguardem o direito dos outros especialmente dos mais pobres. Mas seria reducionista aplicar Levinas de forma rápida e não criteriosa. A ideia de alteridade e de outro são sedutoras num momento em que a sociedade brasileira começa a silenciar de forma institucional aqueles que são *outros*. No entanto, a relação com o outro necessita ser bem entendida, caso contrário transformamos a densa filosofia levinasiana num lugar comum, numa retórica filosófica ou num argumento panfletário. Um caminho para superar esta apropriação ingênua seria o enfrentamento da questão de fundo de Levinas. Mais que desenhar uma “ética da alteridade”, seu objetivo foi o de desconstruir uma primazia – a do logos – dando espaço para que outra ordem se abrisse – a da exterioridade, do Infinito, da ética – que é uma ordem que ordena uma obediência ao próximo, uma ordem que vem de uma escuta de alhures.

Ora, esta compreensão do projeto filosófico levinasiano retira o autor do lugar comum de “filósofo da ética” para confirmá-lo como “filósofo da significação”. O problema do sentido do humano, ou seja, daquilo que confere significado, razão, direção à existência dos humanos é o problema central. A filosofia levinasiana é uma forte denúncia às pretensões de colocar o sentido da existência em formulações teoréticas (de uma corrente filosófica, de uma teologia ou de uma ideologia política). Vive-se e se existe como humano *para-o-outro*: esta é a significação. E todo o trabalho de Levinas foi, portanto, o trabalho de descrever de modos esta significação se manifesta, sempre resguardando a altura da relação com o próximo que jamais poderá ser tematizada. Partindo do pressuposto que a linguagem é o que inaugura o mundo propriamente humano, Levinas elabora uma filosofia da linguagem altamente disruptiva porque subverte a estrutura da linguagem formal. Ele chama a atenção para uma linguagem anterior ao logos, uma linguagem que é da ordem da imediação do corpo e por isso linguagem ética.

Ademais, também aqui incorre-se na tentação de usar das noções levinasianas em sentido metafórico o que desconsideraria o esforço fenomenológico do autor de descrever a

experiência humana. Ao fazer emergir uma linguagem ética como significação pré-original do humano – e ao formalizar esta significação na expressão *um-para-o-outro* em *Autrement* – o autor não está no campo de uma teo-poética, tentando ornamentar com belas palavras uma determinada compreensão de humanidade. Ele, no fundo, constrói uma teo-profética, tão real quanto o ar que se respira. Na filosofia da significação levinasiana o que acontece é a constatação de um fato que, por vezes, não damos tanta atenção. Seduzidos pelo brilho dos conceitos e das invenções da cultura não nos atentamos para o fato de que nossa existência já está *alterada* pelos outros e implicada de uma responsabilidade que nos concerne. O que ele faz, portanto, é quebrar a magia deste feitiço do logos e reposicionar nossa atenção: é essa passividade diante de qualquer ser que se faz próximo, é esta absoluta desproteção que me faz um humano verdadeiramente humano e não a minha capacidade de pensar e decidir racionalmente.

2) Em razão deste esforço de erigir uma teo-profética da significação, outra questão surge nos estudos levinasianos: a questão da linguagem. Não poucas vezes a interpretação da obra de Levinas fica defasada porque há uma tentativa de lê-la com um olhar logocêntrico, quando na verdade esta obra deve ser escutada como uma Palavra. Se procurarmos um encadeamento lógico-sistemático como uma cortesia do autor, encontraremos pouco. A escrita assistemática e hiperbólica, que embala o leitor numa espiral em que se perde o começo e o fim, este estilo escriturístico rabínico e talmudista que diz e se interrompe, que se desdiz e de novo diz é um desafio que precisamos enfrentar se pretendemos uma filosofia *levinasiana* e não apenas uma exegese.

A linguagem que surge em *Autrement*, o estilo enigmático e indireto desta obra, não são apenas engenharias literárias, mas uma condição. O que costumeiramente chamamos de *virada ética* só é possível graças à *virada linguística*. Por virada linguística em Levinas – é mister justificar – entendemos não a inauguração do problema da linguagem, pois desde o início o problema da relação com o outro foi tratado como um problema linguístico, mas trata-se de uma virada porque em *Autrement* acontece a subversão da estrutura ontológica da linguagem – algo que Levinas já previa em *Totalité et Infini*. Opondo-se aos estruturalistas e esvaziando o formalismo linguístico que qualquer valor metafísico, Levinas permite-se uma linguagem da *diferença*, ou da *diférance* na fidelidade a Derrida.

A questão da linguagem torna-se, enfim, uma verdadeira obsessão ao pesquisador de Levinas: como escrever sem trair o autor? É possível sistematizar suas ideias? Defendemos que a sistematização é possível e necessária para fins didáticos, mas defendemos também que o Dizer da obra de Levinas jamais poderá ser substituído por um encadeamento de ideias e conceitos. Assim nos posicionamos porque a apropriação de Levinas por um pesquisador passa por uma compreensão sistemática e orgânica do seu pensamento e, ao mesmo tempo, pela própria impossibilidade de fechá-lo em sistema. O que nos redime desta traição a Levinas é a ideia da anfibologia do *Dizer* e do *Dito* esmiuçada em *Autrement*, ou seja, o Dizer se trai no Dito de uma forma tal que o Dito não consiga englobar o Dizer em sua sintaxe. Noutras palavras, se conseguirmos sistematizar o pensamento levinasiano sem torná-lo um *kerigma*, se dermos conta de ordenar suas ideias sem categorizá-las, se conservarmos esta linguagem ferida já teremos feito um excelente trabalho.

3) Possivelmente, é esta obsessão da linguagem, esta inquietação que o texto levinasiano nos impõe, que faz surgir a terceira questão frente aos estudos levinasianos: como tornar aplicável a filosofia levinasiana? Curiosamente, esta questão sempre é levantada durante qualquer palestra ou minicurso a pessoas não experientes no autor. Essa reação ao que nos parece vem de um escândalo. Em sentido bíblico, a etimologia de escândalo remonta a uma pedra de tropeço, obstáculo, pedra que faz tombar. O escândalo levinasiano é duplo: primeiro que sua filosofia parece impossível de ser concretizada porquanto ela denuncia o atual ordenamento social completamente contrário ao que ele propõe, em segundo, porque esta ideia de um compromisso ético anterior à liberdade nos faz, literalmente, cair em si, como a pedra de tropeço que faz tombar ao escancarar nossa posturas individuais frente a urgente fome do outro. Logo, ao leitor que não deseja encarar este escândalo, resta dois posicionamentos: ou o de ficar com a razão ornamental da escrita levinasiana considerando-a algo muito bonito, porém irrealizável ou a de considerar sua obra uma espécie de paroxismo metafórico, ou seja, de agonia filosófica pronta a morder a própria cauda.

Perceba-se que tais equívocos vem de uma incompreensão do que de fato é possível fazer com a obra de Levinas. Se alguém espera encontrar um esquema como o de Kant, de uma moral normativa ou mesmo encontrar fundamentos legislativos para uma posterior normatividade, ficará decepcionado. Ele mesmo alertou para esta impossibilidade quando afirmou: “a minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas encontrar-lhe o sentido” (LEVINAS, 2007, p. 73). Esta filosofia da significação ética não é uma tentativa de edificar qualquer

filosofia moral, mas trata-se da abertura de um campo semântico ético, da inserção de um léxico com valor filosófico para se interpretar situações reais. É como se disséssemos que Levinas não escreveu seus textos para que fossem aplicados, uma vez que “nem toda filosofia necessita ser pragmática” (ibidem), mas que servissem de inspiração a posteriores aplicações.

Dito de outro modo, Levinas não nos dá um caminho de ação, mas nos inspira algo, nos esboça uma direção sem, contudo, contorná-la com clareza. Parece-nos que esta impossibilidade de aplicar rapidamente o pensamento de Levinas é o que permite que tais ideias circulem de forma tão ampla por comunidades acadêmicas tão distintas. A elasticidade de Levinas que o leva das faculdades de filosofia às faculdades de teatro, que o faz ser estudado entre juristas e psicanalistas, entre teólogos e pedagogos provém da obra inacabada, do fato de ser um pensamento não sistematizado. Logo, retornado à questão “é possível aplicar Levinas?” responderíamos: não só é possível, como necessário, desde que se mantenha a distância crítica com o desejo do autor de que seu trabalho seja uma metaética e não uma doutrina moral.

Inspiração e porvir

A partir destas provocações, ensaiamos um caminho necessário a quem almeja aventurar-se pelas sendas levinasianas. O primeiro passo é desencantar o autor e criticá-lo por meio do diálogo com outros autores de outras áreas. Esta é a única possibilidade para que a filosofia levinasiana faça algum sentido real fora dos estritos círculos filosóficos que o leem. Constantemente, temos ouvido sobre Levinas em áreas inusitadas que partem de uma leitura crítica. Destaca-se aqui o trabalho de Judith Butler que nas obras *Relatar a si mesmo* (2015) e *Corpos em aliança* (2018) questionou Levinas por desconsiderar o complexo contexto histórico-social que enquadra a relação dual e condiciona a linguagem ética, uma vez que tais enquadramentos agem sobre os *corpos* – o signo desta linguagem pré-original. O trabalho de Butler e de outros críticos como o sutil Derrida em *Violence et métaphysique* (2016), o elegante Ricoeur de *Autrement* (2008) e *Soi même come un autre* (2014), o ousado Žižek de *On belief* (2012) e o feroz Badiou da *Ética* (1995) faz com que a obra de Levinas não seja tomada com ingenuidade e entusiasmo, mas permaneça filosófica – aberta, questionável e imperfeita. Conhecer as críticas e criticar o pensamento de um autor é um passo decisivo para se manter as possibilidades de operação deste pensamento, caso contrário, esgota-se o pensamento e ele não significa mais nada.

Outro passo seria o de elaborar uma epistemologia levinasiana, ou seja, uma forma de elaboração do conhecimento filosófico ao modo de Levinas. A epistemologia sem logos e sem epistémé, esvaziada de qualquer pretensão englobante, permite-nos entrever uma sabedoria do amor. Filosofia como sabedoria do amor e não como amor a sabedoria, amor sem eros... não foi isto que previu Levinas (2010, p. 131)?

Falar de uma sabedoria do amor é falar de um aprendizado que passa por uma experiência muito carnal, no âmago do empírico, na verdade implosão do empírico, pois o empírico ainda seria narrável: o amor ético é uma experiência nua e imediata. Trata-se de aprender da proximidade, de se extrair da experiência do amor ético uma sabedoria da carne (RIBEIRO JUNIOR, 2009). Isto não significa partir para uma apofânsis filosófica, um silenciamento contemplativo do conceito que perde o seu sentido. Levinas não nega o teórico, mas o subordina à ordem do amor que pressupõe a justiça como discurso – retorno do Dito já perpassado pelo Dizer:

Ali está a origem do teórico, ali nasce a preocupação com a justiça, que comporta julgamento e comparação, comparação daquilo que, em princípio é incomparável, pois cada ser é único, cada outrem é único. Nesta necessidade de se ocupar com a justiça, aparece esta ideia de equidade sobre a qual está fundada a ideia de objetividade. Há em certo momento, necessidade de uma “pesagem”, duma comparação, dum pensamento, e a filosofia seria, nesse sentido, a aparição da sabedoria a partir do âmago desta caridade inicial: ela seria – e não brinco com as palavras – a sabedoria desta caridade, sabedoria do amor. (LEVINAS 2010, p. 131).

Ter esta dimensão presente no estudo Levinas significa também uma certa interpelação ética: eu, leitor de Levinas, sou responsável por este Levinas que leio. Devo aprender algo com esta responsabilidade, por exemplo, a de não categorizá-lo, a de despossuí-lo de meus poderes, a de ser capaz de escutá-lo mesmo que ele me decepcione. Esta atitude torna-se um gesto metodológico audaz e inédito que procura a epifania do Rosto do filósofo sem contextualizá-lo. O Rosto é significação sem contexto – diz Levinas (2015, p. 10).

Queremos então com estas duas atitudes – a do desencanto e da epistemologia levinasiana – reforçar que o estudo de Levinas não pode prescindir de uma metodologia específica, metodologia esta que poderíamos denominar como “crítico-responsiva” por ter em Levinas UM critério de leitura e não o único e por, ao mesmo tempo, nos tornamos eticamente responsáveis pelos outros por meio da pesquisa e do manuseio de suas obras.

O inédito do profetismo diante da barbárie

Estas observações conduzem-nos ao fim desta reflexão fazendo-nos pensar sobre a urgência de Levinas diante da barbárie. Levinas é um alerta sobre a constante tentativa de encobrimento do Outro pelas narrativas que visam excluí-lo. O momento exige de nós respostas menos automatizadas e mais pensadas, respostas responsáveis e não meramente reativas. Este autor exige paciência e esta é uma virtude difícil num momento de desmantelamento das instituições, de perda de direitos, de enfraquecimento da democracia. A sombra do autoritarismo ronda e Levinas é uma testemunha – um sobrevivente como afirma Sebbah (2018, p. 200) – do que uma visão de mundo autoritária é capaz de fazer. Por isso, trazer Levinas para a cena acadêmica é mais que uma questão de justiça a um filósofo tão central do século XX e tão desconhecido: é uma questão de sobrevivência. Aplicar o pensamento levinasiano não é apenas pelo deleite filosófico, mas pela urgência de manter viva a capacidade de dialogar. Deixar que a filosofia levinasiana interpele outras áreas para além da Filosofia é ousar inspirar outros saberes em vista da justiça e do bem.

Mas esta aplicação – e nós bem defendemos aqui – não deve ser simplista. Não se trata de uma transposição de ideias, mas de um procedimento criterioso cujo rigor necessita de uma compreensão profunda dos principais conceitos como Rosto, Infinito, Responsabilidade, Substituição. A esta compreensão segue-se uma exegese, ou seja, uma interpretação pancrônica dos horizontes de sentido abertos pela obra levinasiana. Por fim, e somente aí, seria possível discutir e aplicar o pensamento de Levinas. De forma organizada, o que propomos ao longo deste ensaio é que os estudos levinasianos tenham em conta três atitudes que constituiriam o método crítico-responsivo da filosofia levinasiana:

1. Compreensão hermenêutica da obra – entendimento básico dos conceitos fundamentais como Outro, Rosto, Ser, Há, Passividade, Proximidade, Vulnerabilidade, Responsabilidade, Infinito, Testemunho, Ética, Profetismo, Glória, Santidade, Justiça, Bem, Além-do-ser, Significação etc;
2. Exegese pancrônica – leitura não isolada dos escritos explorando as possibilidades de significação dos textos a partir de um olhar total do seu projeto filosófico, identificando a linguagem ferida e mantendo aberta esta ferida estilística como uma fenda pela qual se conserva o Dizer do autor sem totalizá-lo em um Dito;

3. Discussão transdisciplinar e aplicação rigorosa – ousar pensar *com* Levinas questões importantes com fidelidade ao autor, mas com a elasticidade que ele permite ao colocá-lo em diálogo com outros pensadores de áreas que também ultrapassem a Filosofia: Direito, Literatura, Psicanálise, Comunicação Social, Teologia, Ciências sociais e Ciências Políticas, Economia etc.

Longe de ser um cânone, esta nossa proposição pretende garantir que a filosofia levinasiana conserve seu potencial de ser um crivo, um critério, uma advertência, um interdito à atividade filosófica. O método crítico responsivo recoloca o valor destas pesquisas no campo da relevância: são relevantes não apenas pela qualidade dos temas, mas porque procuram responsabilizar-se pelos outros, especialmente os mais pobres. E se hoje somos capazes de contemplar o legado de tantos estudiosos que se esforçaram por interpretar, sistematizar didaticamente e inaugurar uma tradição levinasiana brasileira, lançamos nosso olhar para o futuro ansiosos para que este pensamento da alteridade fecunde outros pensamentos e produza algum fruto de justiça e de paz.

Referências

BADIOU, Alain. **Ética**: um ensaio sobre a consciência do mal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BENSUSSAN, Gerard. Amor, Justiça, Perdão. In: RIBEIRO JUNIOR, Nilo. RIAL, Gregory. et al. **Amor e justiça em Levinas**. São Paulo: Perspectiva, 2018. p. 15-26.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARRARA, Ozanan Vicente. **Levinas**: do sujeito ético ao sujeito político. Aparecida: Santuário, 2010

DERRIDA, Jacques. Violência e Metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Levinas. In: _____. **A escritura e a diferença**. 2 ed. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2016.

HUTCHENS, Benjamin. **Compreender Levinas**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Difícil Libertad**. Tradução João Haidar. Madrid: Caparrós Editores, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução Pergentino Steffano Pivatto et al. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**: diálogos com Philippe Nemo. Tradução José Gama. Lisboa: Edicoes 70, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a Exterioridade. Tradução José Pinto Ribeiro. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2015

MARGUTTI PINTO, Paulo. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no país. **Kriterion**, v. 55, n. 129, Belo Horizonte, jan.-jun. 2014, p. 397-410. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/24.pdf>> Acesso em 10 set. 2019.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Pensar com Levinas: Klinger Scoralick entrevista Pergentino Pivatto. **É: Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 22, Juiz de Fora, jun. 2019, p. 238-269. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/issue/view/1338>> Acesso em 25 jul. 2019.

PIVATTO, Pergentino Steffano. Apresentação. In: LEVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução Pergentino Steffano Pivatto et al. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 9-15.

RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da carne**: Uma filosofia da sensibilidade ética em Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 2019.

RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria do amor**: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Outramente**: leitura do livro Autrement qu'être ou au-delà de l'essence de Emanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1999.

SEBBAH, François-David. Da ética do prisioneiro à ética do sobrevivente. In: RIBEIRO JUNIOR, Nilo. RIAL, Gregory. et al. **Amor e justiça em Levinas**. São Paulo: Perspectiva, 2018. p. 189-203.

SUSIN, Luis Carlos. A respeito da recepção de Levinas no Brasil: encontro com Luiz Carlos Susin. **É: Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 22, Juiz de Fora, jun. 2019, p. 228-233. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/27450>> Acesso em 25 jul. 2019.

TIMM DE SOUZA, Ricardo. O tempo certo está aí. **É: Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 22, Juiz de Fora, jun. 2019, p. 234-237. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/issue/view/1338>> Acesso em 25 jul. 2019.

ZIZEK, Slavoj. **O amor impiedoso (ou Sobre a crença)**. Tradução Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.